

SILVA, Alberto da Costa e. **Gana**. In: *A enxada e a lança: a África antes dos portugueses*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revista e Ampliada. 2006. p. 270-281

Retóricas de Gana

Elder Ribeiro¹

Alberto Vasconcellos da Costa e Silva nasceu em São Paulo, em 12 de maio de 1931. Filho do poeta Da Costa e Silva (Antônio Francisco da Costa e Silva) e de Creusa Fontenelle de Vasconcellos da Costa e Silva. Fez os estudos primários e iniciou o curso secundário no Colégio Farias Brito, em Fortaleza. Em 1943, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde cursou o Externato São José e o Instituto Lafayette. Diplomata pelo Instituto Rio Branco em 1957. Professor do Curso de Aperfeiçoamento de Diplomatas do Instituto Rio Branco em 1971-1972. Presidente da Banca Examinadora do Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, de 1983 a 1985, e vice-presidente de 1995 a 2000.

Observa-se no presente texto “A enxada e a lança” de Alberto da Costa, que nos três primeiros séculos de nossa era, o camelo se espalhava pelo Saara. Outro fato importante é a posse do dromedário que alteraria completamente a vida dos berberes do deserto, permitindo que eles, de certa forma o ocupassem. O deserto tornava-se, assim, um mar interior, um mar de aridez, que graças ao dromedário, podia ser percorrido pelo homem. Assim, a verdade que os berberes continuaram a morar em tendas e a levar de estepe em seus rebanhos. Há muito tempo, sabiam os sudaneses cultivar a terra. Nas zonas mais próximas do deserto, plantavam milhos e fonio, tendo suas áreas úmidas.

Os povos do Sudão ocidental, além de caçar e pescar criava gado. Muitos dos povos do Sudão ocidental trabalhavam o ferro, com ele fabricavam as lâminas das enxadas e as pontas das flechas de das lanças. Havia, de vez em enquanto, conflitos. Pelo uso excessivo de pastos. A regra seria, porém, a convivência pacífica entre os pastores do deserto do Sael e também os agricultores do Sael e da Savana.

¹ Elder Pereira Ribeiro — Acadêmico do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT/UFRB
E-mail: elderribeiro97@gmail.com / E-mail alternativo: elderribeiro97@hotmail.com
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1109544421163427>

Algumas famílias se dividiram para melhor controlar o intercâmbio, uma parte para Magreb e a outra para Sael, onde adquiria ouro, âmbar, marfim e os seus escravos. Dos dois grupos vinham os que acompanhavam as caravanas para zelar pela segurança e pelo bom estado das mercadorias. Dessa forma deu-se o islamismo ao Sudão.

“Gana” (...) era o título usado pelos reis (...). Talvez o estado não tivesse sendo conhecido como os domínios da “Gana”.

Logo Gana foi considerado o país do ouro, e em seguida como dono do Sal pela sua alta capacidade de produção. Apesar de toda sua riqueza, o reino não se fundava na soberania territorial, e portanto, não era relevante para o seu rei a expansão territorial e sim que o mesmo lhe pagava tributos e lhe pudessem fornecer soldados para guerra, senhores para a corte e lavradores para os campos rurais.

Em Tunca Menim, assumia o poder quem tinha em seu comando duzentos mil soldados, quase quarenta mil arqueiros, que por sinal era sua força básica para guerra.

O reino de Gana em sucessão matrilinear, ou seja, com o óbito do rei, o filho de sua irmã assumiu o trono. O cargo do rei de Gana foi levado para cabana de madeira, onde colocaram suas vestes, suas armas, os objetos, que usava para comer e beber. Sobretudo, também os criados que servião ao rei fechavam as portas e a multidão jogava areia até que cobrisse toda cabana, formando uma colina do lado de fora no que ofereciam sacrifícios humanos ao redor de seu túmulo.

Notava-se que os súditos não podiam usar roupas que fosse costurada, aos grandes cortes de tecidos que eram amarrados na cintura ou usavam uma simples tanga de couro.

Ao avistar os ganenses todos ficavam parados e arremessaram areia sobre sua cabeça em gesto de honra. Os muçulmanos, provavelmente estrangeiros batiam palmas à entrada do rei como forma de saudação. E ao sepultar o gana construíam uma grande cabana de madeira, para acomodar seu corpo. Lá eram colocados seus pertences, objetos pessoais, armas, bebidas, comidas e etc.

As cabanas eram fechadas e cobertas por esteiras e fazendas, os povos que passavam jogaram terra sobre ela, ao redor cavava-se um buraco e faziam rituais com sacrifícios humanos e oferenda com bebidas fermentadas. Túmulos como esses eram vistos na

República do Mali.

Na época do rei Al-Bakri existiam uma linhagem familiar na qual sempre o sucessor do rei teria que ser o filho da irmã do atual rei e assim que mantiveram a tradição por muito tempo.

A própria memória estava na região de Koumbi Saleh, no sudeste que atualmente é a Mauritânia, a cidade que deu origem ao reino Soninquê. A proximidade em 1914 as habitações eram de 2 andares de paredes espessas com nichos triangulares e retangulares, polida e rebocada na cor amarelo muitas moradias eram grandes, com sete cômodos, escadas bem estruturadas.

Foram feita escavação a fins de encontrar vestígios de objeto que pudesse comprovar que a cidade koumbi Saleh foram habitadas por ricos, visto que possuíam um grande centro comercial, entre 15 a 20 mil habitantes conforme estatísticas. Foram descobertos algumas ruínas de Mesquita e áreas extensas de palhoças, de casas de barro que eram habitadas pela população menos favorecidas.

É notório afirmar que a área foi ocupada desde o século VI e já poderia ser considerada uma cidade desde o fim do século IX.

Existe possibilidade que Koumbi foi considerado uma cidade gêmea que formava a capital de Gana, embora não houve comprovação, há quem considere a residência do gana e o centro do seu poder se situasse fora do Sahel, não está descartada a idéia que koumbi soubesse que teria sido uma espécie de filial ou até mesmo sede temporária ou de pequeno porte.

A uns 11 Km situava-se a cidade real que Al-Bakri nomeou como Gana o "bosque". O palácio do rei era arquitetado com pedras e madeiras, várias palhoça de teto cômico, era cercado por muros ou paliçadas.

Na cidade real havia um templo islâmico para estrangeiros, pois gana e seus súbitos eram fiéis a suas crenças tradicionais, a prova disso é que ao redor da urbe havia pequeno bosque e cabanas, onde viviam os sacerdotes à zelar o túmulo e santuário.

Era restrito á entrada de pessoas estranhas, e quem adentrasse ficaria preso sem

ninguém saber notícias. Os arqueólogos ainda não localizaram a cidade real que faria par com Koumbi Saleh, mais desconfia que poderá ser Dali-Gumbe a 10 km do nordeste das ruínas islâmicas, um local com muitos poços d'agua . Se isso for confirmado terá uma divisão na qual duas comunidades estão separados pela região e ao mesmo tempo unidas por interesses comerciais. De um lado o solo e o animismo, do outro o comércio islão. O reinado teria que agradar ambos os povos em contrapartida, haveria dois grupos de ministro, um escolhido para representar os muçulmanos e o outro grupo para representar os animistas sendo que cada ministro seria evidentemente escolhido pela sua comunidade. O ouro refinado denominado "pepitas" pertencia ao rei, já o ouro com impurezas (outro bruto) pertencia a quem encontrasse.

As minas de que ficavam entre os rios Falame e Senegal, passadas as cheias, cavavam-se poços quadrados e extraíam os minérios e carregavam na cabeça até as margens do rio para serem citados por mulheres, parece um pouco surreal mais alguns registraram a crença que o ouro era um produto vegetal e foi comparado como uma cenoura.

O ouro vinha de Uângara Vangara, ou Gangara, onde não se sabe precisamente o fundamento, embora havendo relatos que era de uma ilha. As mercadorias do Magrabe e o Sal do deserto ao chegar em Sahel passava do camelo para o burro. O sal era um produto raro tanto que era levado em quantidade igual ou superior ao ouro. Já o ouro viaja em pó ou em barras, no que percorriam serra Bafor, Draá com escala principal em Azogui atravessando dois meses do deserto, que as vezes passavam 14 dias sem água, nesse percurso por Tagaza, onde o local eram usadas como mercadorias trocadas pelo uso do sal.

Em 1035, um chefe Judá lá, yahia bin Ibrahim, foram a Meca, retornou em caíram, na Ifríquia, acreditava que era superficial o islamismo no sul do deserto procurou um sábio para ensinar a verdadeira doutrina. Assim, começaram a praticar o islamismo rigorosamente com base em preces em grupos de forma obrigatória. Após a morte de yahia bin Ibrahim , o uma né seguro a tradição e foi para ilha acompanhado com 8 companheiros entre eles estavam os irmãos yahia e Abridacar, construíram um monstro, essa ilha ficava localizada na costa da Maurîtânia.

Para alguns até agora os seguidores de Addula Ibn Zalwi, o mestre de Ibn Yasin e o mestre dos chefes dos almorávitas que substitui a Addula após a morte. Muitos conflitos ocorreram, em 1054 e 1055 os exércitos de yahia Ibn Omar derrotaram os Omir Zanata de

Sujilmessa, enquanto os almorávidas combatem, e o Audagoste, os Zanatas, reconquistaram Sujilmessa.

Frequentemente os almorávidas lutaram contra Gana isso contribuiu para o enfraquecimento do poder do gana. Após a morte de Adubacar os almorávidas tiveram altas demanda na Europa, nessa época o fluxo de ouro sudanês aumentaram, pois houve uma mudança do centro do poder para o norte do Marrocos e assim foram recuperando a liberdade de ação. A empresa almorávidas deixará no Sael marcas profundas pela contribuição no islamismo de grande parte da população do norte do Sudão ocidental e também no soninquês que iram se transformar em catequistas.

Muitos comerciantes soninquês que habitavam na Capital de Gana, eram desconfortáveis com o domínio de sosso, mudaram-se para outros territórios, e principalmente, para o poço de Biru, um lugarejo que se desenvolveu e se no famoso porto caravaneiro do Sudão Ocidental.

Esta resenha contribui fortemente para a amplificação da visão sobre "Gana", mas precisamente das reflexões bibliográficas levantadas do texto "A enxada e a lança" de Alberto da Costa.